

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CAMPUS VII/CODÓ-MA
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

IARA MARIA DIAS MESQUITA

**A BANDA EUTERPE CODOENSE: uma perspectiva sobre patrimônio imaterial:
(1965-2019)**

CODÓ-MA
2024

IARA MARIA DIAS MESQUITA

**A BANDA EUTERPE CODOENSE: uma perspectiva sobre patrimônio imaterial:
(1965-2019)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de artigo ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/ História da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, como requisito para a obtenção do título graduado em licenciatura em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Liliane Faria Corrêa Pinto

CODÓ-MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Mesquita, Iara Maria Dias.

A BANDA EUTERPE CODOENSE: uma perspectiva sobre
patrimônio imaterial: 1965-2019 / Iara Maria Dias
Mesquita. - 2024.

26 f.

Orientador(a): Doutora Liliane Faria Corrêa Pinto.
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2024.

1. Banda de Música. 2. Patrimônio Imaterial. 3.
História. 4. Codó. 5. . I. Pinto, Doutora Liliane Faria
Corrêa. II. Título.

**A BANDA EUTERPE CODOENSE: uma perspectiva sobre patrimônio imaterial:
(1965-2019)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de artigo ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, como requisito para a obtenção do título graduado em licenciatura em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Liliane Faria Corrêa Pinto

Aprovada ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora- Professora Doutora Liliane Faria Corrêa Pinto
Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Professor Doutor Jonas Rodrigues de Moraes
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Professora Mestra Caroline Césari de Oliveira
MHisCA / GHisCA

CODÓ-MA

2024

Dedicatória

Dedico a força motora da vida, a minha mãe/avó Domingas Dias (*in memoriam*), que foi o meu alicerce para a vida educacional e formação social, minha eterna estrela, minha primeira aluna, à todos os meus professores(as), a eles/elas gratidão por serem meus exemplos e por fim, a população codoense me acolheu tão bem.

Agradecimentos

Agradeço ao provedor da força motora da vida, que é onipresente, onisciente e onipotente.

À minha incrível mãe/avó, Domingas Dias, minha fonte de inspiração, que nunca me deixou parar, mesmo antes da sua partida, pediu para nunca desistisse de sonhar e realizar.

À minha mãe, Ivaldina Dias, por não ter desistido de mim, mesmo com todas as dificuldades, ela estava lá.

Ao meu digníssimo marido, Cândido Mesquita. Você foi o meu porto seguro, meu chão, amo-te!

Aos meus filhos, Ingryd Gabriely, Ryan Gabriel e Noah Gabriel que são a minha força e coragem.

À minha orientadora, professora Dr^a. Liliane Corrêa, que é um sinônimo de paciência, reciprocidade e força, um ser admirável, obrigada por tudo.

As amigas de décadas, Layla Monique e Jaqueline Silva, vocês são fantásticas.

Ao professor Wildelano Sousa, pela sua personalidade e disposição na construção do trabalho, a você gratidão. Agradeço também a sua esposa, dona Fátima.

Aos músicos da Banda Euterpe Codoense, Marcos Gean, Célio Armando, João Batista, Raimundo Alves, Nilton dos Santos, Carlos Henrique, Adriano Ribeiro, Sebastião, Maurício Diogo, Felipe dos Santos, Roberto Frankellin, Gilson Freitas, Alberto Pontes e Sebastião Nascimento.

Ao Instituto Maná, todos os seus colaboradores e alunos, pelo apoio significativo em muitas histórias codoenses.

A todos os meus colegas de curso de LCH-turma 2015. Em especial, Ana Carolina, Layane Ferreira, Joice Conceição, Josué Carvalho e Fernando Sousa, que me alicerçaram na construção da vida acadêmica.

À toda comunidade acadêmica da Universidade Federal do Maranhão-campus Codó, desde o pessoal da segurança à direção, sem vocês esse processo seria inválido.

E, por fim, toda a cidade de Codó, que me acolheu tão bem, esse trabalho é para essa cidade maravilhosa.

“De onde vem a história? Da plebe. A quem se dirige? À plebe. É o discurso que ele lhes faz muito parecido com o do demagogo: ninguém é maior do que vocês” diz este “e aquele que tiver a presunção de querer ser superior a vocês - vocês que são bons - é malvado”; e o historiador, que é seu duplo, o imita: “nenhum passado é maior do que seu presente e tudo o que na história pode se apresentar com ar de grandeza, meu saber meticoloso lhes mostrará a pequenez, a crueldade, e a infelicidade”.

Michel Foucault

**A BANDA EUTERPE CODOENSE: uma perspectiva sobre patrimônio imaterial:
(1965-2019)**

Iara Maria Dias Mesquita

RESUMO

Esse artigo propõe uma pequena discussão sobre a forma de expressão “Banda de Música” a partir do caso codoense. Apresenta uma trajetória das bandas em Codó desde o século XIX e um panorama da Banda Euterpe Codoense para compreender a relação de pertencimento dos músicos com a banda. A pesquisa foi desenvolvida com fontes periódicas, em jornais dos séculos XIX e XX, e orais com entrevistas com membros da corporação musical e outras pessoas envolvidas nos projetos musicais que giram em torno da música em Codó.

Palavras Chave: Banda de Música; Patrimônio Imaterial; História; Codó

ABSTRACT

This paper proposes a brief discussion on the form of expression “Banda de Música” (Music Band) based on the case of Codó/MA. It presents a history of bands in Codó since the 19th century and an overview of the Banda Euterpe Codoense to understand the relationship of belonging of the musicians to the band. The research was developed with periodical sources, in newspapers from the 19th and 20th centuries, and oral interviews with members of the musical corporation and other people involved in musical projects that revolve around music in Codó.

Keywords: Music Band; Intangible Heritage; History; Codó

INTRODUÇÃO

Esse texto tem como objetivo discutir as bandas de música como patrimônio cultural e traçar uma trajetória da forma de expressão “Banda de Música” na cultura codoense, enfatizando a banda atual: Banda Euterpe Codoense. Nesse artigo, apresentaremos a história das bandas, das bandas em Codó e da Euterpe atual com suas características.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de coletas de fontes periódicas sobre as bandas da cidade, entrevistas de história oral com músicos das bandas e leituras bibliográficas sobre o tema.

1 A BANDA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é o principal órgão responsável pelo patrimônio cultural do Brasil tendo em vista a preservação e a ligação entre as gerações. Na legislação do patrimônio cultural brasileiro, temos uma divisão entre os bens materiais e os imateriais. Os primeiros, quando tombados, são registrados nos Livros de Tombo, os segundos inseridos nos Livros de Registro de acordo com a categoria de cada bem.

Podemos observar que as bandas se constituem patrimônio cultural imaterial, como “forma de expressão” musical. O IPHAN defende as práticas culturais coletivas, cumprindo as diretrizes previstas na Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216. E nesse sentido, as bandas devem ser alvo das políticas públicas de salvaguarda do patrimônio.

Em 2000, o então presidente Fernando Henrique Cardoso, sanciona o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que “Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências”, regulamentando os artigos da Constituição. O texto legal cria os processos de registro e os livros nos quais os bens imateriais serão registrados. São eles:

- I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (Brasil, 2000).

Esses livros definem institucionalmente as categorias do patrimônio cultural brasileiro e estabelecem, em parte, o norteamento dos processos de pesquisa para a elaboração dos dossiês de registro e para as medidas de salvaguarda. As bandas se enquadram no Livro de Registro das Formas de Expressão e podem ser contempladas com políticas públicas de salvaguarda.

Entre essas políticas, temos a ação da FUNARTE (Fundação Nacional de Artes) que lança editais periódicos para distribuir recursos às bandas de música que se inscrevem e seguem os parâmetros necessários. Esse projeto vem corroborar com a política patrimonial de preservação e apoio às manifestações culturais brasileiras (FUNARTE, 2020).

O IEPHA / MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) tem um projeto de cadastro das bandas no Estado de Minas Gerais, contribuindo com a política nacional de registro das formas de expressão “Banda de Música”. Esse cadastro segue o mesmo princípio do INRC (Inventário Nacional das Referências Culturais), com metodologia diferente, mas com o objetivo de identificar as diversas manifestações culturais de bandas no estado (IEPHA, 2024).

No programa de ICMS Cultural, uma política pública de preservação do patrimônio cultural nas cidades mineiras, diversos municípios mineiros fizeram os registros das suas bandas de música como forma de expressão própria da municipalidade. Porém, isso acontece na esfera municipal, com a anuência estadual para a reversão do imposto ICMS (IEPHA, 2024).

Durante a pesquisa, não foram encontrados dados na Secretaria de Cultural do Maranhão sobre a salvaguarda das bandas em âmbito estadual, porém o auxílio fornecido pelo município de Codó à banda é uma política pública municipal de proteção da forma de expressão “Banda de Música”.

As bandas são uma forma de expressão musical que acontece em todo o Brasil. Participam de eventos como festivais, celebrações dos dias cívicos, em inaugurações políticas ou de entidades públicas, aniversários de instituições, em atividades quarteis, em eventos religiosos e até em funerais, etc. Elas são importantes para a formação da

identidade brasileira na medida em que estão dentro de diversos pilares sociais e emocionais dos cidadãos.

2 UMA HISTÓRIA DAS BANDAS DE MÚSICA

O termo musa no cotidiano refere-se a beldades, mulheres lindas e exuberantes, já na mitologia grega, musa representava uma entidade à qual atribuía capacidade de inspiração a partir dos conhecimentos artísticos e/ou formal (conhecido como científico). Em comemoração à vitória dos deuses sobre os seis filhos de Urano (conhecidos também como Titãs), foi requerido a Zeus a criação de divindades para cantar o ato da vitória e perpetuação da glória dos olímpicos (Vernant, 2006).

A partir disso, Zeus enamora-se com Mnemosine, no percurso contínuo de dez noites e o equivalente a um ano, concebendo nove filhas, nas proximidades do Monte Olimpo, sendo elas Calíope (musa da eloquência), Clio (musa da história), Erato (musa da poesia romântica), Euterpe (musa da música), Melpômene (musa da tragédia e alegria), Polímnia (musa da poesia lírica), Terpsícore (musa da dança), Talia (musa da comédia) e por fim Urânia (musa da astronomia e da astrologia). Euterpe, segundo a mitologia, é a deusa da música, apresentando uma das versões sobre a existência da música no universo (Grimal, 2013).

Já com relação ao desenvolvimento histórico da música, não há exatidão e algumas pesquisas revelam que a música tenha nascido juntamente com a evolução humana e os indícios apontam atividades musicais desde a pré-história. Registros de pinturas rupestres supõem a representação da dança e da musicalização, com troncos de árvores, imitações de sons naturais e expressões corporais, há cerca de 40.000 anos a.C. Ainda na pré-história, são desenvolvidos os primeiros instrumentos, as flautas, as percussões e os xilofones, posteriormente, as noções de música vêm sendo desenvolvida de acordo com a civilização empregada (Picchi, 2008).

Durante o processo colonizador, os jesuítas utilizaram a música para a catequização dos indígenas. Segundo Holler (2007, p. 4)

A prática musical é permitida como uma ferramenta de conversão do gentio; nos estabelecimentos urbanos, pode ser utilizada em eventos sacros, desde que seja restrita a determinadas ocasiões, e que não seja realizada pelos padres, para que estes possam ocupar-se do cuidado com o bem espiritual.

Na América Portuguesa, a música está presente nos agrupamentos indígenas e também entre os colonos portugueses. Com a chegada forçada dos africanos, eles trouxeram suas tradições musicais. Essas influências compuseram e construíram o que hoje podemos chamar de música brasileira. Ela “nasce” da junção das diversas culturas que aqui convivem.

No cristianismo, Santa Cecília foi designada a padroeira dos músicos pelo fato de “cantar para Deus”, prestigiada pelos cantos da música sacra na Idade Média, celebrada na data de vinte e dois de novembro desde o século VI. Geralmente sua imagem vem acompanhada a algum instrumento musical, na maioria das vezes por uma harpa ou violoncelo (Silva, 2024).

As bandas em Portugal são uma tradição que remonta a transição da Idade Moderna para a contemporaneidade. No século XIX, estavam bem instituídas entre os músicos portugueses e participavam dos festejos religiosos e cívicos (Oliveira, 2014; Pestana, 2021). Sobre as bandas portuguesas, Manuel Ramos afirma

A par do orfeão que desejaríamos ver implantado, há uma tradição nacional que conviria aperfeiçoar e conservar [...] É a filarmónica, esse passatempo de todas as povoações portuguesas, que nas festas de igreja se transforma em orquestra, e se tem desenvolvido espontaneamente como um fruto da iniciativa popular, estimulada por esses concursos a que o povo chama desafios (Pestana, 2021 Apud Ramos, 1892, XXVIII).

A tradição das filarmônicas lusitanas chega ao Brasil pelas mãos dos colonizadores. Se institucionaliza com a chegada da corte em 1808. Esses grupos de música, inicialmente vindos de Portugal, traçavam ascendência e métodos de atuação portuguesa da musicalidade. Após 1814, são criadas novas técnicas musicais para essas bandas, tais como a divisão dos grupos, o desenvolvimento dos instrumentos, dentre outros. Ainda em 1815, as bandas começam a se aproximar dos conceitos atuais de banda, vinculadas à atividade militar, ligada a cortejos, etc. e de caráter religioso, apresentando em missas, velórios e tendo como padroeira a Santa Cecília. É nos séculos XIX e XX que as euterpes agregaram características europeias, especialmente, na (re)formulação de instrumentos. E se levado ao pé da letra o significado banda segundo Mário de Andrade

temos: o “conjunto de instrumentos de sopro, acompanhados de percussão” (Andrade, 1989).

3 AS BANDAS DE MÚSICA EM CODÓ

A cidade de Codó, colonizada desde o primeiro quartel do XVIII, foi elevada à vila em 1833. Segundo o IBGE, dados de 2018, Codó possui área territorial equivalente a 4.361,344 km²; uma população estimada em 122.597; com densidade demográfica de 27,06 hab/km² e uma escolarização de 6 a 14 anos equivalente a 97,1% em 2010. O IDH (índice de Desenvolvimento Humano) de 0,595 (IBGE, 2018).

Codó sedia a Banda Euterpe Codoense, uma instituição musical do município que se apresenta em inaugurações, velórios, aniversários, festividades em geral e, atualmente, está vinculada à Prefeitura Municipal. O nome Euterpe é em homenagem à musa da música. A banda apresenta músicas líricas, bossa nova, xotes e até a 9ª Sinfonia de Beethoven. A banda como instituição em Codó ultrapassou gerações, internalizando sua identidade na sociedade codoense. Porém, a atual Banda Euterpe Codoense não foi a primeira banda da cidade.

Há indícios de que várias bandas, com formações diferentes, existiram desde a fundação da cidade, mas não temos registros cartoriais desses grupos. As fontes sobre essas bandas antigas são dispersas. Alguns membros antigos se lembram das formações anteriores, outros guardam documentos e encartes de décadas passadas e há notícias de jornais que indicam a existência delas em anúncios e matérias sobre eventos. Foram pesquisados doze periódicos codoenses entre 1893 e 1954: *Escola de Codó*, *Lâmpada de Codó*, *Primavera de Codó*, *Comarca de Codó*, *Correio do Codó*, *Exito! Codó*, *Gazeta Codoense*, *Monitor Codoense*, *Movimento de Codó*, *Garoto de Codó* e *O Trabalho de Codó*. Ao todo, foram 73 registros da palavra banda, filarmônica ou lira.

No jornal *Gazeta do Codó*, em 1893, há uma notícia da participação de uma banda nos festejos da Igreja Matriz. Não consta o nome da banda, mas já nos traz a importante informação de que as bandas estão presentes as festividades codoenses desde o século XIX.

No dia 15 do corrente foi solenemente celebrada na matriz a benção da imagem de S. Cecilia, oferecida a mesma matriz pelos músicos da banda do professor Honorato Machado. Antes da cerimônia, em homenagem a N. S de Lourdes, cuja festa a igreja celebra nesse dia, o

numeroso concurso de-poo que enchia a matriz saía a procissão pelo átrio entoando hinos ao Santíssimo Coração de Maria. Depois da cerimônia da benção da missa. cantada a grande instrumental, a banda de música, postada a frente ao altar em que se achava a imagem da sua protetora rendeu-lhe suas homenagens, executando uma marcha a ela dedicada (Gazeta do Codó, 1893).

No ano seguinte, o mesmo jornal apresenta a criação da banda da Sociedade Recreio dos Operários da Fábrica Codoense, denominada Banda Musical Recreio dos Operários

Nessa localidade criou-se a Sociedade Recreio dos Operários da Fábrica Codoense, cujos fins são: criar e manter uma aula noturna para seus sócios e pessoas de suas famílias, e uma banda de música a ser composta dos sócios e dar partidas de dança nas quais o podem tomar parte os operários da nossa fábrica (Gazeta do Codó, 1894).

Em 1895 e 1896, foi possível identificar a presença de duas bandas que provavelmente são a Banda Marcial, do Sr. Honorato Machado, e a Banda Recreio dos Operários (Gazeta do Codó, 1895; Gazeta do Codó, 1896).

Em 1913, o periódico Correio do Codó relata em primeiro de maio

Não passou despercebido este dia, que o mundo civilizado dedica as festas do trabalho, nesta pacífica cidade. Uma associação de artistas que aqui existe e suponhamos já ter tido a sorte de outras. Que, como os pirilampos brilham e apagam nas noites de invernosas, deu uma nota festiva a população. Desde madrugada fomos despertados pelas salvas de raqueiras e foguetes, que durante o dia só repetiram. A tarde formou-se grande prestígio, composto de operariado da terra, precedido de duas bandas de músicas que possuímos; e, partindo do bairro da fábrica de fiação e tecidos, que percorreu, desceu para a cidade baixa, que também percorreu, parando em diversas casas, em que diversas pessoas faltaram (Correio do Codó, 1913).

Em 12 de abril de 1915, o Major Alcebíades Silva chegou em Codó pelo vapor Brazil e foi recebido pela banda de música regida pelo maestro Aristides Benício de Oliveira, a banda denominada Lyra Codoense, que existia desde 1904, e recebeu o

presidente Afonso Pena quando ele esteve na cidade (O Malho, 1904 Apud Lemos, 2021). A banda é mencionada novamente em 1918 ao preceder a procissão de uma Festa do Rosário, seguida de missa cantada na Igreja matriz (Correio do Codó, 1918).

Ainda no periódico *Correio do Codó*, em 13 de setembro de 1916, temos a menção à Renascença Codoense, a banda dos operários da Fábrica que se tornou Banda Flor do Alto e foi responsável, naquele ano, pela festa das padroeiras de Codó. Ela é mencionada novamente em 1917, 1918, nesse ano é citada como pertencente ao Sr. Pedro Doria Chaves, e em 1920. Nas décadas seguintes, sabemos que havia a banda da União Operária que se tornou mais tarde a Banda Euterpe Codoense.

Atualmente, a Euterpe existente na cidade conta com mais de oitenta anos, sendo herdeira da banda da União Operária. Seu maestro nas últimas décadas, foi o Sr. Wildelano Sousa, que era músico da PM, mas sempre adotou os moldes melódicos e não exclusivamente os marciais na Euterpe. Atualmente, ele está afastado por motivos de saúde e a banda segue vinculada à Prefeitura Municipal e realiza apresentações em datas civis e comemorativas.

As trajetórias das bandas em Codó sugerem que as corporações musicais estão ligadas aos codoenses como um patrimônio imaterial. A banda em Codó, como uma forma de expressão, ressalta a manifestação musical, marca a vivência coletiva e a identidade presente em muitos momentos civis e religiosos. É importante ressaltar que lembrar-se do dia 16 de abril, aniversário da cidade, é o mesmo que se lembrar da presença do grupo musical.

4 A BANDA EUTERPE CODOENSE: identidade e memória

A Banda Euterpe Codoense foi criada como um prolongamento da banda da União Operária. O Sr. Wildelano Sousa teve um papel primordial na criação da banda e promoção das atividades de salvaguarda da forma de expressão “Bande de Música” em Codó. Segundo ele, foi funcionário do IBGE, era sócio da União Operária e pertencia à banda da Polícia Militar (Sousa, 2018). Ele tinha uma escola de música que foi transferida de sede várias vezes até que nos anos de 1990 se encontrava na União Operária (Castro, 2018). No final da década de 1990 e início do século XXI, o Sr. Wildelano herdou a regência dentro da União Operária Codoense e acabou por fundar a Banda Euterpe Codoense, se tornando seu maestro (Sousa, 2018). Seu repertório reflete a diversidade dos participantes e preocupação do maestro em inserir os novos músicos no contexto

musical da banda e, assim, mescla evidenciam a cultura sertaneja, lírica, dentre muitas outras.

A banda se faz a partir de seus músicos e eles foram estudantes de música das escolas lideradas pelo Sr. Wildelano Sousa cujos projetos tinham como objetivo formar músicos e auxiliar crianças e adolescentes em situação de risco e que viviam abaixo da linha da pobreza.

4.1 Os músicos

Os músicos são parte fundamental das bandas e são os detentores do saber manifestado na forma de expressão. O aprendizado da música é passado de um músico mais antigo para aquele que chega. É um ofício e um saber.

O Sr. Wildelano dava aulas na União Operária no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000. No Projeto Maná começou a dar aulas a partir de 2006 (Souza, 2006). E por meio dessas duas “escolas” ele formou os músicos que hoje compõem a banda.

Em entrevista com o Sr. Niltinho do Sax, em 2018, ele era maestro e coordenador da banda em substituição ao Sr. Wildelano, afastado por motivo de saúde. Nessa época, a banda tinha um auxiliar que se chamava Luís Eduardo Lopes da Cruz Souza, que era coordenador de ações culturais do município e ficava responsável pelas demandas administrativas da banda perante a prefeitura. Isso facilitava as atividades da corporação porque os músicos não precisavam se preocupar com a burocracia, mas hoje isso não acontece mais. O Sr. Niltinho do Sax conta ainda que entrou para o grupo aos 19 anos e ele aprendeu a tocar com o Sr. Braguinha, já falecido. Ele é um entusiasta da banda e acompanhou as inúmeras mudanças da corporação. Segundo ele, eles têm dificuldades com espaço para ensaio e armazenamento dos instrumentos por não terem uma sede física mais.

O William Emanuel da Silva Moraes, também entrevistado, relata que era estagiário na banda e participou do projeto até o final de 2017. Ele saiu porque não foi contratado pela prefeitura para compor a banda e isso o entristeceu. Ele foi aluno do Sr. Wildelano e incorporou à banda por meio do Projeto Maná, que será abordado mais à frente. O William aprendeu a tocar aos 13 anos, posteriormente tornou-se professor de música no programa Mais Educação, na escola municipal Senador Archer.

O músico Marcos do Sax narra como foi que iniciou seus trabalhos com a banda e afirma está desde abril de 2005 “já tive várias funções na banda, músico, coordenador,

maestro, no momento estou como com três funções músico, coordenador e maestro, graças ao Wildelano e seus ensinamentos” (Castro, 2018). E conta que “a banda está enfraquecida, por falta de músicos, temos vários músicos afastados por questões de saúde...” (Castro, 2018). Segundo ele,

Se não fosse o Wildelano, eu estaria fazendo algo diferente da música, cheguei a sair da escola, pois ele era muito rígido, mas ele ia atrás dos alunos, conversar com os pais, eu não fui o primeiro e nem o único, em via o nosso potencial. Ele influenciou diretamente, se não fosse o Wildelano, a banda não existiria mais. Pois dos oito metais que nós temos, sete foram alunos do Wildelano, a banda tem mais de 60 anos, mas sem ele o cenário seria outro (Castro, 2018).

Em 2018, Banda Euterpe Codoense possuía treze músicos, sendo eles: Marcos Gean Silva Castro – Marcos do Sax (Saxofone), Célio Armando Pinto Salazar (Bombardino), João Batista Araújo de Sousa-(Bumbo), Raimundo Alves da Silva- Borá-(Bumbo), Nilton dos Santos Silva – Niltinho do Sax (Saxofone), Carlos Henrique Rodrigues Sousa (Saxofone), Adriano Ribeiro do Nascimento (Trombone de Vara), Sebastião da Silva Nascimento – Sebastiãozinho (Trompete), Maurício Diogo da Silva (Tompete), Felipe dos Santos Araújo (Caixa), Roberto Frankellin Salazar (Tarol), Gilson Freitas Gomes – Gabriel (Bumbo), Alberto Sousa Pontes – Pontes (Tambor) e o Wildelano José de Sousa Lima – Professor / Mestre (Maestro-regente).

4.2 O Instituto Maná

O Instituto Maná teve início em 2006, através de políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes em vulnerabilidade social da periferia codoense. Os menores frequentavam aulas de música, em seu horário de contraturno. Alguns destes alunos participavam da Instituição em cumprimento a penas socioeducativas, por alguma infração cometida anteriormente e eram acompanhados pela justiça. Nesse sentido, o projeto era multidisciplinar e tinha uma equipe de várias áreas responsável pelas atividades.

Segundo a Promotora da Infância e Juventude do município de Codó, Teresa Maria Muniz Ribeiro de La Iglesia, no ano de 2005, as medidas socioeducativas antes do

Projeto Maná não tinham a finalidade pedagógica-educativa. E, diante disso, havia a necessidade de assistência das políticas públicas a esses menores. Assim, por meio de audiências públicas com instituições e a sociedade, nasceu o projeto social Maná (Revista Maná, s/d). Seu objetivo era o emprego da cultura para criar envolvimento com a sociedade e diminuir os atos infracionais das crianças e adolescentes. Inicialmente o projeto começou com três adolescentes, cresceu gradativamente, e passou de três para dezesseis em um mês.

Em junho de 2006, o Maná trabalhava com o auxílio da comunidade codoense, praticando atividades de caráter pedagógico, possibilitando maiores índices de ressocialização. Segundo a promotora “Com resultados positivos surgiu a necessidade de transformar o projeto em ONG, tendo como referência a Convenção das Nações Unidas, sobre os direitos das crianças e adolescentes” (La Iglesia, 2018).

Em 23 de maio de 2007, foi inaugurado o Instituto Maná na cidade de Codó. Hoje com 13 anos de existência está sediado na rua Professor Fernando de Carvalho, sobre a direção da presidenta Onilde Silva de Sousa, uma das idealizadoras e fundadoras do projeto e organização não governamental.

O Maná desde o seu início vem trabalhando com crianças e adolescentes e visa a ressocialização através da música. Em entrevista com a atual diretoria, Sra. Onilde Sousa (2018) afirma:

A música pode ser tocada e ouvida, resultando na mudança socioeducativa. No Instituto são oferecidas aulas de canto, percussão, instrumentos de cordas, metais e sopro, com a possibilidade do aluno desenvolver mais de uma dessas habilidades musicais em mais de uma dessas linhas de estudo. Nossas apresentações são em parceria com a sociedade, sendo em escolas, solenidades do poder públicos e em outros espaços locais ou cidades e/ou estados. Recebemos vários elogios, o Projeto abre portas em espaços em espaços que antes essas crianças e adolescentes não poderiam entrar, isso é inclusão. A disciplina que a música exige, trás o trabalho em grupo, a evolução na escola, na comunidade e na família.

No Instituto, inicialmente o aluno tem contato com a flauta doce, para noções de partitura que o fundamento para os demais instrumentos. De um modo geral, a música ajuda a desenvolver a afetividade, o emocional e o psicológico do estudante. (MANÁ, 2006).

Alguns músicos que lecionaram no Instituto, foram alunos da Escola de Música Sebastião Pinto e/ou membros da Banda Euterpe, dentre eles João Batista, Adriano Ribeiro, Welligton da Cruz, conhecido como Neneco, Marcos do Sax e Cairon Lima.

O professor Neneco (Welligton da Cruz) mencionou que depois que os estudantes aprendem a tocar, há uma mudança no comportamento, eles se sentem mais importantes e mais valorizados na comunidade e em casa. Afirma que a música transforma a vida deles (Cruz, 2018).

Cairon Lima corrobora a assertiva de Neneco quando narra o início de sua trajetória na música. Ele menciona que por volta dos sete anos de idade, ouviu um carro de som próximo de sua casa, anunciando que um professor estava ministrando aula de flauta, na União Operária Codoense. Em 2003 e 2004, Niltinho, Marccone, irmão do Marcos do Sax¹, Mauricio e Marcos Sopro também eram seus colegas de sala. Em 2007, Cairon entrou no Maná, como professor sendo entrevistado pela diretora e reencontrando o professor Wildelano.

Onilde disse que eu tenho que passar por um teste, onde eles precisavam de uma pessoa que soubesse tocar teclado e tivesse leitura musical, que pudesse ensinar partitura musical, quando perguntei para quem eu iria fazer o teste, ela já falou assim, para o professor Mestre Wildelano, quando ela falou Wildelano, na mesma hora deu um bugue na minha cabeça, olha ele foi meu professor, lá na infância. Ela falou, olha ele foi teu professor? eu contei toda a história para ela. Era de manhã, o Wildelano ia para Teresina, a Onilde ligou para ele, “Senhor Wildelano, eu queria que o senhor avaliasse um rapaz, que chegou aqui no lugar do Neneco e falou que foi seu aluno! O nome dele é tal”. Na mesma hora, ele pegou o carro e foi para lá no Maná. Ele não ia fazer esse teste comigo nesse dia, fez o teste, ele não lembrava que fui aluno dele, pedi para ele procurar nos arquivos de 2003/2004, eu lembro da frequência.”

Natali Nartene Melo, professora de técnica vocal, declara que o Instituto Maná conta com 19 funcionários, incluindo professores, administrativo, psicóloga, ASG's e agentes de portaria (vigilantes). Com funcionamento em três turnos: manhã, tarde e noite, atende um total de 135 alunos matriculados. São ministradas aulas de flauta/escaleta,

¹ Marccone hoje é padre e mora fora do Brasil. É um multi-instrumentista.

teclado, violão, bateria, técnica vocal e teatro, nos turnos matutino e vespertino para crianças e adolescentes e noturno para adultos, turma de técnica vocal.

4.3 A Atuação da Banda na Cidade: eventos cívicos, religiosos e privados

A Banda Euterpe Codoense se apresenta desde seu início em eventos da cidade, porém as fontes que rememoram esses feitos são fotográficas. A fotografia, segundo Ana Maria Mauad,

é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. No entanto, parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento (Mauad, 1996, p. 8).

Para ela, a partir do conceito do Le Goff, o historiador que lida com a fotografia precisa considerá-la como um vestígio material do passado, no sentido de acervo, mas também como informação que as pessoas daquele momento vivido compreenderam que era importante registrar. E nesse sentido, os eventos em que a Banda Euterpe Codoense participou foram perpetuados pelas imagens fotográficas.

Imagem 1 – Banda Euterpe Codoense na Praça Ferreira Bayma (s/d)



Fonte: Acervo da União Operária Artística Codoense.

A foto apresenta o desfile da Banda Euterpe Codoense na praça Ferreira Bayma, em frente à Igreja Nossa Senhora das Graças e aos Correios. Ao fundo há edificações e algumas árvores. Do lado esquerdo localiza-se o Banco do Brasil e é possível observar que muitas pessoas e alguns carros da época acompanham o cortejo.

Imagem 2 – Atividade na Estação Ferroviária de Codó



Fonte: Acervo da União Operária Artística Codoense.

Nessa imagem temos uma atividade na estação ferroviária de Codó com alunos da escola União Operária Artística Codoense e parte do corpo da Banda Euterpe. Algumas crianças observam a apresentação, à frente do armazém São José. Observa-se grandes autofalantes na árvore, possivelmente para a transmissão de rádio.

Na Imagem 3, na próxima página, à esquerda há um adolescente bem trajado com calças, camisa e sapato. Atrás dele estão duas crianças gêmeas, com os mesmos trajes, sandálias e penteados. Ao lado direito delas, uma outra criança acompanha o desfile com uma bacia na cabeça. Na sua direção está a Banda Euterpe Codoense, da esquerda para a direita os músicos se apresentam com: tuba, trombone de vara, triângulo, sax alto (saxofone), banjo, sax baixo (saxofone), bombo e caixa/tamborim. Sequencialmente a banda estão os soldados do Tiro de Guerra 007 de Codó. No lado direito, esquerdo e ao fundo alguns populares acompanham o ato cívico da entidade. Ao fundo algumas entidades da União Operária Codoense realizam o trajeto com hasteamento das bandeiras: da União, de Codó, do Maranhão e do Brasil. Ao fundo, aparece o Cemitério Central, primeiro cemitério da cidade, criado através de doação da igreja ao município.

Imagem 3 – Apresentação da Banda Euterpe Codoense (s/d)



Fonte: Acervo da União Operária Artística Codoense.

Imagem 4 - Atividade Ritualística da União Operária Artística Codoense em 1º de maio de 2008



Fonte: Acervo da União Operária Artística Codoense.

No dia primeiro de maio de 2008, a banda se apresentou em uma festividade ritualística da União Operária Artística codoense, com hasteamento das bandeiras, do Brasil, Maranhão e da entidade, em homenagem ao dia dos trabalhadores e padroeiro da União, São José Operário. A fotografia foi tirada em frente à sede, sobre a execução dos

hinos e com o acompanhamento do coral de alunos do Instituto Maná e dos instrumentos da Banda Euterpe codoense, com a regência do maestro Wildelano Sousa e a presença de sócios e da sociedade civil.

Imagem 5 – Homenagem do Exército ao músico Sebastião em 2020



Fonte: Arquivo pessoal de Nagila Viana, esposa do músico Sebastião (Loro)

Em 16 de setembro de 2020, o músico Sebastião da Silva Nascimento recebeu uma homenagem do exército brasileiro, realizada pelo Tiro de Guerra 08/0007, com o diploma Amigo do Tiro-De-Guerra. Estão na foto, o segundo tenente Leandro Francisco Cavaleiro, chefe de instrução do TG, o vereador Leonel Filho com terno preto, atrás dele o Sr. Fernandes responsável pela Guarda Municipal de Codó, e ao lado um policial militar não identificado.

Em setembro de 2020, a imagem 6 é o ensaio para atividade ritualística de formatura dos soldados do Tiro de Guerra 007 de Codó, localizado rua Paraíba, bairro São Benedito S/N. Da esquerda para direita, os músicos são Marcos do Sax (Saxofone) que rege a banda, Sebastiãozinho no trompete, Niltinho do Sax no saxofone, Adriano no trombone de Vara, Maurício Diogo no trompete, Felipe na caixa, Henrique no saxofone, João Batista no bumbo e Gabriel no bumbo. Esse evento de formatura acontece anualmente.

Imagem 6 – Ensaio para a formatura do Tiro de Guerra de Codó, em 2020



Fonte: Arquivo pessoal do maestro, coordenador e regente Marcos Gean Silva Castro (Marcos do Sax).

A Banda Euterpe Codoense está presente em muitos eventos da cidade e faz parte do imaginário codoense. São comuns as apresentações ao ar livre e como foi possível observar pelas imagens a população acompanha as atividades dos músicos codoenses.

Considerações Finais

Por fim, podemos observar que a Banda Euterpe Codoense é fruto de uma trajetória musical de bandas na cidade de Codó que remonta ao século XIX e ainda pode ser considerada herdeira das tradições portuguesas de corporações musicais.

Ela também é parte de um projeto social que acontece lado a lado a suas atividades e, com isso, o grupo tem na manifestação “Banda de Música” um mecanismo de apoio a crianças em situação de vulnerabilidade. Para além disso, a música se torna um elemento de associação entre os jovens e de vínculo entre eles e ao grupo e entre o grupo a cidade.

Nesse processo, a banda participa de festividades codoenses de diversos tipos e agrega as identidades múltiplas da cidade, constituindo-se como parte da identidade codoense e um patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario Raul de Moraes; TONI, Flavia Camargo (Coord.); ALVARENGA, Oneyda (Coord.). **Dicionário Musical Brasileiro**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: ITATIAIA, 1989.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Brasília, 2000. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%203.551%2C%20DE%204,Imaterial%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias>. Acesso em 20 out. 2023.

BURKE, Peter. **A Escola dos Anales(1929-1989): a Revolução francesa da historiografia**. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1997.

CARR, Edward Hallet. **Que é História**. Tradução Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 3º ed. 2011.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

FERREIRA, Aurélio. **Aurélio Júnior: dicionário de língua portuguesa**. Editora Positivo, 2º ed. Curitiba, 2011.

GRIMAL, Pierre. **Mitologia Grega**. Tradução de Rejane Janowitz. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

HOLLER, M. T. O mito da música nas atividades da Companhia de Jesus no Brasil colonial. **Revista Eletrônica de Musicologia**, v. 11, p. 2, 2007.

IBGE. **Codó**. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/>> acesso em 20 jul. 2019

IEPHA. Cadastro para Identificação das Bandas de Música em Minas Gerais. Disponível em <<https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/noticias-menu/895-iepha-mg-abre-cadastro-para-identificacao-das-bandas-de-musica-em-minas-gerais>> Acesso em 22 ago 2024.

IEPHA. **ICMS Patrimônio Cultural**. Disponível em <<https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/icms-patrimonio-cultural>> Acesso 20 jun 2024.

IPHAN. **São Luís (MA)**. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/346/>> Acesso em 15 jun 2019.

LEMOS, Daniel. Bandas e Maestros do Maranhão. **Revista Nova**. Brasília, Outubro/2021

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces, **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 73-98.

OLIVEIRA, Antônio Henrique Seixas de. Bandas de Música portuguesas no Brasil – tradição, apogeu e realidade atual. **ANAIS DO III SIMPOM 2014 - SIMPÓSIO**

BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014.

PESTANA, Maria do Rosário. As Bandas Cívicas em Portugal: um olhar multifocalizado sobre espaços de atravessamento. **Revista Música e Cultura**, nº 12, 2021

PICCHI, Achille Guido. A música e os inícios do homem. **Mimesis**, Bauru, v. 29, n. 2, p. 43-48, 2008.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REVISTA MANÁ. Codó, Projeto Maná, s/d.

SANTOS, José Luiz dos. **Introdução à teoria antropológica: fundamentos e conceitos; verbete: cultura; leitura e discussão do texto: O que é cultura.** São Paulo: ed. Brasiliense, 2006.

SEREVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez Editora, 2016.

SILVA, Rodrigo. **Santa Cecília de Roma: A História e o Legado da Padroeira da Música.** Santos Católicos. Guia dos Santos. 2024. Disponível em < <https://guiadossantos.com.br/santa-cecilia-de-roma/> > Acesso em 20 jun. 2024

SOUSA, Wildelano. **Projeto Maná.** Codó: Promotória da Infância e Adolescência da Comarca de Codó-MA, 2006.

VEMANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga.** Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

Entrevistas

CASTRO, Marcos Gean Silva Entrevista concedida a Iara Maria Dias Mesquita em 2018.

CRUZ, Welligton da. Entrevista concedida a Iara Maria Dias Mesquita em 2018.

LA IGLESIA, Teresa Maria Muniz Ribeiro de. Entrevista concedida a Iara Maria Dias Mesquita em 2018.

LIMA, Cairon. Entrevista concedida a Iara Maria Dias Mesquita em 2018.

MELO, Natali Nartene. Entrevista concedida a Iara Maria Dias Mesquita em 2018.

SILVA, Nilton dos Santos. Entrevista concedida a Iara Maria Dias Mesquita em 2018.

SOUSA, Wildelano. Entrevista concedida a Iara Maria Dias Mesquita em 2018.